IGUAIS PARA O PÃO E PARA A PANCADA? BRANCOS E NEGROS NO MERCADO DE TRABALHO CARIOCA NA PRIMEIRA REPÚBLICA. O CASO DA CERVEJARIA BRAHMA.[1]

HILDETE PEREIRA DE MELO*
TERESA CRISTINA DE NOVAES MARQUES**

1. Introdução

Desde os anos 1970 a historiografia sobre o Rio de Janeiro tem se dedicado a estudar a população operária da antiga Capital Federal durante a Primeira República. A dimensão política do problema foi examinada em estudos sobre o alcance do anarquismo e do comunismo entre os operários, a capacidade de mobilização dos trabalhadores em defesa de seus interesses, as greves, manifestações e revoltas populares urbanas. Igualmente, a dimensão cultural do problema foi objeto de estudos minuciosos sobre o cotidiano do operariado, seus hábitos de lazer, suas relações familiares, os preconceitos contra mulheres, negros e imigrantes, a música e outras formas de expressões culturais do povo.[2]

Apesar da elevada qualidade da produção recente sobre as classes populares cariocas nas primeiras décadas da República, pouco sabemos sobre a estrutura do mercado de trabalho industrial vigente na Capital Federal, a despeito da importante contribuição de Eulália Lobo.[3] Percebe-se, no entanto, que a linha de investigação inaugurada por Eulália Lobo não tem atraído a preferência de historiadores nos anos recentes. O mesmo pode ser dito sobre a composição étnica do operariado do antigo Distrito Federal, pois permanece insuficientemente conhecida a forma como os negros ex-escravos e seus descendentes foram incorporados ao mercado de trabalho urbano.[4]

As razões para a permanência de mais essa lacuna no conhecimento histórico se devem a deficiências de fontes, como alega Carlos Hasenbalg.[5] Como apenas os censos de 1890 e de 1940 contiveram informações sobre cor da pele da população, a maior parte dos estudos que pretende elucidar a questão da inserção dos negros no mercado de trabalho nas primeiras décadas do século XX extrapola conclusões a partir das informações do censo de 1890. Outra opção metodológica é projetar para o tempo passado a situação da composição étnica do operariado existente nos censos de 1940 e 1950. Qualquer que seja o artifício metodológico, a verdade é que os anos significativos da formação do mercado capitalista no Brasil, decisivos para a absorção da população negra nas oportunidades oferecidas no mercado de trabalho, permanecem mal compreendidos.

Este artigo visa contribuir para preencher essa lacuna na historiografia discutindo as oportunidades de trabalho e os níveis de remuneração oferecidos a trabalhadores brancos e negros em uma grande indústria carioca: a Companhia Cervejaria Brahma. E, desta forma, pretende responder a um conjunto de questões sobre a absorção da mão de obra negra e imigrante no mercado de trabalho da indústria do antigo Distrito Federal. O artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro é apresentado um conjunto de questões recorrentes na historiografia sobre mercado de trabalho industrial e imigração relativas ao período; segundo, é feita uma breve análise da trajetória da Brahma nas primeiras décadas do século XX; terceiro, é apresentada a metodologia adotada para o tratamento dos arquivos de operários da Brahma para, em seguida, estabelecer o perfil de seus trabalhadores, conforme nacionalidade, cor da pele, grau de instrução, ocupações e salários. As conclusões vêm após a análise dos dados, buscando situar o caso da Brahma no contexto geral dos problemas da história do mercado de trabalho urbano industrial no Brasil.

1. As grandes questões históricas

Não só os problemas de fontes complicam o exame da estrutura do mercado de trabalho industrial no antigo Distrito Federal. Essa tarefa exige o exame combinado de vários fatores. Retomar este assunto significa desdobrá-lo em um conjunto de macro questões históricas, como: a inserção dos negros, das mulheres e dos imigrantes nesse mercado, as características do movimento imigratório para a cidade do Rio de Janeiro, e até mesmo a posição da indústria carioca no cenário nacional.

Ao se discutir a inserção do negro na sociedade capitalista no Brasil a referência à obra de Florestan Fernandes é inevitável.[6] Tomando o caso de São Paulo como paradigma, Fernandes inaugurou uma corrente interpretativa sobre a posição do negro e do imigrante no mercado de trabalho de profunda influência entre cientistas sociais brasileiros e suas conclusões foram generalizadas para todo o restante do Sudeste.[7] Este autor concluiu que os negros foram incapazes de se adaptar à disciplina do trabalho industrial, atribuiu qualidades superiores aos imigrantes, em termos de qualificação profissional e de escolaridade, e sustentou que a desagregação familiar entre os negros exerceu papel negativo na superação da miséria deste grupo social. Mas, desde a suas primeiras edições, os trabalhos de Fernandes têm recebido críticas de numerosos estudiosos. [8]

Para o caso do Distrito Federal, o debate em torno da situação do negro no mercado de trabalho regional se confunde com o próprio debate em torno da posição da indústria carioca no cenário nacional. Até mesmo a presença de imigrantes no Distrito Federal e seu peso no mercado de trabalho é objeto de controvérsias.[9] Daí porque, estender para o Rio de Janeiro as proposições de Fernandes se revela inadequado: por seu alcance limitado à experiência histórica paulista e, ainda assim, pela situação insustentável de algumas de suas hipóteses. Assim, a estrutura do mercado de trabalho e a trajetória de declínio da indústria carioca são temas interligados, pois, diante da constatação da perda da liderança da indústria do Distrito Federal no cenário nacional, os historiadores buscaram explicar o fenômeno recorrendo, também, ao custo da mão-de-obra como ponto nevrálgico da economia regional.[10] Para muitos autores, os níveis salariais mais elevados no Rio resultavam do custo de vida mais alto no Distrito Federal, quando comparado com o de São Paulo.[11] Arrolam-se os preços dos alimentos, da moradia e da energia elétrica como os vilões da história.[12] Que os salários eram mais altos no Distrito Federal parece estar fora de controvérsia, mas a razão para o fenômeno permanece mal esclarecida. Isso acontece porque a imigração portuguesa para o Distrito Federal nem sempre recebeu o mesmo tratamento acadêmico dado à imigração italiana para São Paulo, de forma compatível com sua importância demográfica e social, como mostra a Tabela 1.[13] Talvez devido à pouca expressão dos portugueses para a economia cafeeira, ou mesmo porque esses imigrantes acabaram se diluindo no conjunto da população.

Tabela 1 - Imigrantes ingressados no Brasil, 1884-1933

País de origem	**Estimativa**
Itália	1 401 335
Portugal	1 147 737
Espanha	577 264
Alemanha	238 602
Japão	142 457

Fonte: *Diário Oficial da União*, 22/8/1938; pág. 16 806.

Para alguns autores, como Versiani (1991) e Villela & Suzigan (1975), o Rio recebeu menor fluxo de imigrantes do que São Paulo, resultando no desequilíbrio na oferta e demanda de mão-de-obra na indústria. Em conseqüência, a economia local se ressentiu da pressão altista dos salários, fator este que contribuiu decisivamente para a perda da liderança da

indústria carioca. Para Eulália Lobo (1978), o quadro do mercado de trabalho no Rio era exatamente o oposto, logo, a explicação para a tendência de crescimento dos salários deveria ser buscada em outros fatores, como o sistema de abastecimento de gêneros para a cidade.[14]

Ao examinar a imigração portuguesa para o Brasil, Eulália Lobo concluiu que a dinâmica do mercado de trabalho industrial do Rio foi diferente de São Paulo, uma vez que, na Capital Federal, os imigrantes disputaram postos de trabalho lado a lado com negros e pardos, ao passo que, em São Paulo, os imigrantes deslocaram a mão-de-obra negra para a marginalidade. O censo de 1920 mostra a importância da imigração portuguesa para a cidade do Rio de Janeiro, pois, dos 433.577 imigrantes portugueses que viviam no Brasil por ocasião do censo, 39,74% ou cerca de 172 mil pessoas habitavam a cidade do Rio de Janeiro. Em uma comparação similar, a cidade de São Paulo abrigava 14,91% da colônia portuguesa.[15]

Além de sua importância numérica, o fenômeno da imigração portuguesa para o Rio de Janeiro, desde os anos 1880 até 1930, apresenta características distintivas do caso italiano em São Paulo. A principal delas é a elevada fixação dos indivíduos e o fluxo de homens jovens e solteiros, oriundos do norte de Portugal.[16] Os italianos, por sua vez, chegaram ao Brasil acompanhados de suas famílias e, já na primeira década do século XX, muitos buscaram outros destinos, como a Argentina.[17]

A vinda dos portugueses para o Rio de Janeiro seguia a uma vasta rede de recrutamento de mão-de-obra, com origem nos párocos das comunidades rurais portuguesas e que conduzia os trabalhadores até as casas comerciais e indústrias do Distrito Federal. Uma vez fixados na cidade, os imigrantes se inseriam no mercado de trabalho carioca da mesma forma que os brasileiros, isto é, recebiam salários aviltados e se submetiam a longas jornadas de trabalho. A maneira como os portugueses foram atraídos para o Brasil na virada do século XX revela outra importante característica distintiva do caso italiano. Enquanto no Rio a imigração portuguesa foi um fenômeno privado, em São Paulo o transporte dos italianos foi subsidiado pelo Governo estadual. O Poder Público, portanto, não contribuiu para a questão da mão-de-obra na gênese do mercado de trabalho industrial carioca, ao passo que o Governo de São Paulo manteve a política de subvencionar a imigração desde a década d0e 1880 até o ano de 1927.[18]

Se, no plano macroeconômico, o Estado transferiu renda para os produtores paulistas, no plano individual, o ato de emigrar implicou custos pessoais pesados para os migrantes, onde quer que fosse. Os portugueses chegavam quase sempre solteiros e duplamente endividados: com os contratadores e com a família, os pais e irmãos deixados em Portugal.[19] Os italianos também contraíam dívidas na viagem, mas traziam consigo a família, e quando chegavam ao Brasil todos se engajavam no mercado de trabalho para garantir o sustento do núcleo familiar. Não por acaso o comportamento dos imigrantes portugueses chamou a atenção do cônsul norte-americano em 1922, que comentou: *os trabalhadores portugueses, em particular, fazem qualquer coisa para preservar o seu emprego*.[20]

2. A empresa.

A primeira notícia que se tem da empresa remonta à edição de abril de 1888 do jornal *Auxiliador da Indústria Nacional*, quando foi anunciado o surgimento no Rio de Janeiro da firma Villiger & Cia., uma pequena fábrica de cerveja de alta fermentação, chamada Brahma, situada na rua Marquês de Sapucaí, na Praça XI.[21] Tratava-se da firma individual, cujo sócio principal era Joseph Villiger, um engenheiro suíço chegado ao Brasil em 1879. [22] Em 1894 Villiger vendeu a fábrica para o cervejeiro alemão Georg Maschke, com equipamentos e o registro da marca Brahma. Provavelmente Villiger deixou o país, pois seu nome não foi encontrado associado a qualquer outro empreendimento comercial no Rio de Janeiro. Deixou o Brasil e o enigma da origem do nome Brahma, que muitos procuraram explicar, sem sucesso, baseando-se em razões religiosas.[23]

A intenção de Maschke era alterar o nome fantasia da cervejaria, de Brahma para Franziskaner Bräu, que foi a primeira marca produzida na nova administração, mas em maio de 1900, Maschke recebeu a resposta do pedido de informação que fizera ao *Kaiserlichen Patentamt*, o *bureau* de patentes da Alemanha, sobre a existência de cerveja de mesmo nome naquele país. Soube, então, que desde abril de 1897, Josef Sedmayr, membro da família controladora da poderosa cervejaria *Spätenbrauerei*, de Munique, havia registrado uma cerveja de nome idêntico.[24] Para evitar um conflito com os Sedmayr, Maschke manteve o nome Brahma, mesmo sem saber a razão da sua escolha. De qualquer forma, era sonoro e inexplicável o suficiente, justificando que fosse preservado e defendido dos competidores brasileiros. Ao comprar a fábrica, Maschke, associou-se ao comerciante alemão J. Baptist Friedderizi, que representava no Brasil a já mencionada *Spätenbrauerei*, mais conhecida entre os freqüentadores do restaurante de Friedderizi como cerveja Pá. O restaurante se chamava Stadt München e estava estrategicamente localizado na Praça Tiradentes, então o centro nervoso da noite carioca, repleto de teatros, restaurantes e boêmios. Maschke e Friedderizi formaram a sociedade Georg Maschke & Cia que controlava a Brahma.

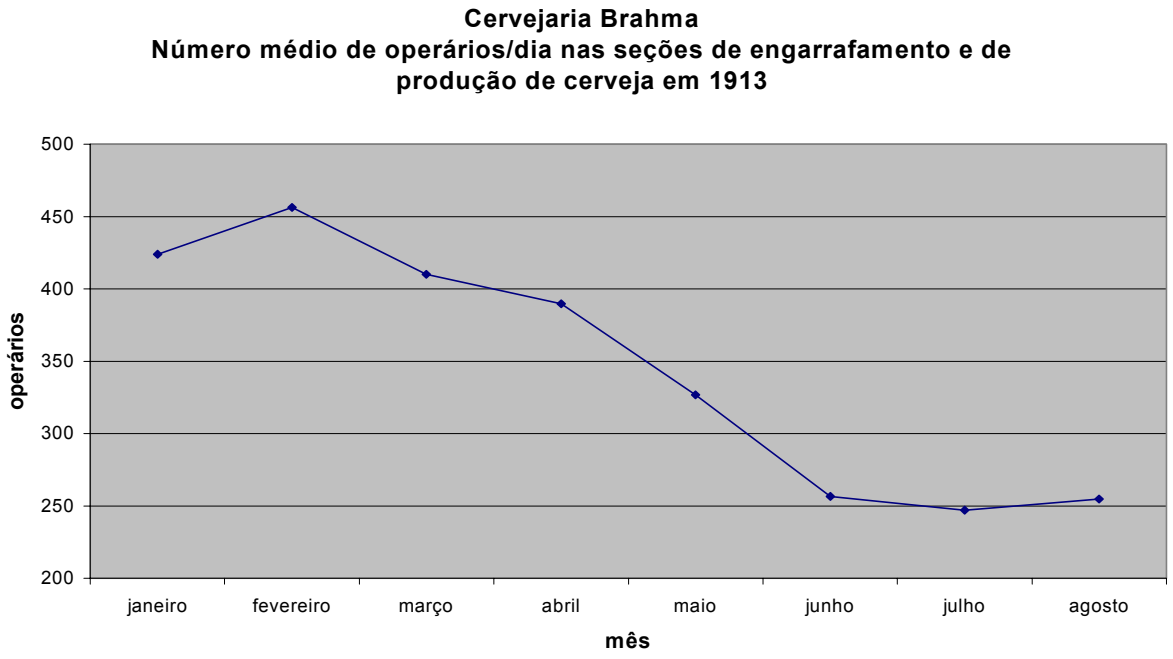
Naqueles dias, o mercado de cervejas no Rio de Janeiro apresentava sinais promissores de expansão, segundo descreveu o cônsul inglês na cidade.[25] Com intensa vida noturna e temperaturas elevadas, os cariocas se habituaram a consumir cerveja, fosse a importada e, portanto, cara e inacessível à maioria, fossem as cervejas de alta fermentação, mais baratas e fabricadas em numerosos pontos da cidade. A Brahma se propunha a fabricar cerveja leve, segundo o processo de produção bávaro, resultando em bebida de paladar similar às marcas importadas alemãs que já eram conhecidas do público consumidor de alta renda. Para realizar o projeto com sucesso, poder produzir em escala industrial e, principalmente, dispor de capacidade de estocagem do produto, de modo a regular a oferta de cerveja conforme a demanda, Maschke procedeu à conversão tecnológica dos equipamentos da fábrica. Buscou convertê-la de uma cervejaria de alta fermentação para uma de baixa fermentação, o que requeria elevados investimentos em equipamentos de refrigeração, tubulações, tanques e geradores. Dessa forma, seria possível produzir a bebida e estocá-la por até seis meses, aproveitando potenciais situações favoráveis dos preços internacionais da matéria-prima e do câmbio.

Os planos de expansão da capacidade de produção foram perseguidos na década que seguiu à compra da firma por Maschke, em complexas operações de financiamento. De início, a Brahma contraiu empréstimos junto ao sócio Friederizi, a outros capitalistas de origem alemã, e à empresa de navegação Herman Stoltz & Cia, para a qual devia 278 mil marcos em 1896. [26] Nos anos seguintes, a Brahma também fez sucessivos lançamentos de debêntures, fosse para ampliar a capacidade de produção, fosse para adquirir concorrentes endividados, como foi o caso da Cervejaria Bavária-Rio, em 1899, e da Teutônia, de Mendes, em 1904. [27] Tantas operações de financiamento acabaram aproximando a empresa do banco *Brasilianische Bank für Deustchland*, – banco fruto do consórcio entre o banco *Disconto Gesellschaft*, de Berlin, e o *Norddeutsche Bank*, de Hamburgo. Em poucos anos, o *Brasilianische* passou da condição de agente financeiro privilegiado, negociando os títulos de debêntures da empresa na praça, para a condição de importante acionista e membro do Conselho Fiscal da Brahma.[28] Essas operações financeiras foram instrumentos utilizados pelos contemporâneos para fazer circular capital entre investidores e produtores, os quais acabaram estreitando os laços entre os capitais industriais, mercantis e financeiros. Esses instrumentos permitiram à Brahma passar do patamar de 900 contos de réis de capital realizado, em 1896, para 5 mil contos de réis em 1905 e, finalmente, a 10 mil contos em 1912. Todas essas operações fizeram com que a Brahma superasse, em curto espaço de tempo, a condição de pequena cervejaria de alta fermentação, tornando-se a maior cervejaria do Brasil. Esta posição foi confirmada pelo inquérito industrial de 1907, que mostrou que o valor declarado da produção da Brahma ultrapassava o da Antártica em 57,5%, o número de

operários era 62% maior e a força motriz era 42,3% superior à do concorrente paulista; ainda que a Antártica apresentasse 40% mais capital realizado do que a Brahma na ocasião. No espaço econômico do Rio de Janeiro não havia concorrente em condições similares.[29] O Inquérito de 1912 mostrou que só havia duas fábricas de bebidas no Brasil com mais de 500 operários, duas cervejarias industriais: Brahma e Antártica. Se tomarmos o valor do capital aplicado em bebidas por sociedades anônimas no Distrito Federal, em 1912, a Cia. Brahma respondia por 69,34% do total.[30] Trata-se, portanto, de um setor da indústria brasileira que revelou tendência de concentração desde seus primórdios.

Os planos de expansão da capacidade prosseguiram na mesma medida do sucesso das vendas, até o início da Guerra, em 1914, levar a direção a reduzir o ritmo dos investimentos. Mas, passado o período do conflito, a década de 1920 viu a retomada das operações de compras de equipamentos, de terrenos e da construção de novas instalações para produção. É nesse quadro de capacidade plena de produção da empresa que situamos o contingente de operários da Brahma. Uma questão importante diz respeito ao nível de ocupação da companhia, pois o consumo de cerveja era sensível às alterações de temperatura na cidade. Deste modo, a contratação de pessoal na fábrica era marcada pela sazonalidade. Esta tendência de contratação pode ser observada no Gráfico 1, que mostra o número médio de operários empregados por dia, com base nos relatórios mensais de produção do mestre cervejeiro à diretoria da empresa no ano de 1913.[31] Como a amostra de registros de trabalhadores, sobre a qual se baseia este artigo, enfatiza o período entre 1925 e 1935, o objetivo da apresentação dos dados de emprego de 1913 não é levantar o número absoluto de operários empregados por dia na empresa, mas revelar o padrão cíclico de contratação de mão-de-obra na cervejaria. Padrão este evidenciado na curva de contratação de 1913 e, também, na tabela 2, que mostra a produção de doze meses, no período de 1912 a 1913, e 1927 a 1928, embora mostrando padrões distintos de sazonalidade. Isso implica numa contratação de trabalhadores temporários para postos de trabalho menos qualificado. Provavelmente, os setores que mais empregavam negros.

Gráfico 1



Fonte: Monats Berichten (relatórios mensais de produção), 1909 a 1913. [*Acervo Brahma*, cx.1, docs. alemão]

Tabela 2

1912/1913	Total produzido (hl)	Índice	1927/1928	Total produzido (hl)	Índice
Julho	13216	100	Julho	15585	100
Agosto	12365	94	Agosto	23345	150
Setembro	13099	99	Setembro	23510	151
Outubro	12516	95	Outubro	21715	139
Novembro	22271	169	Novembro	n.d	.d
Dezembro	20304	154	Dezembro	29396	189
Janeiro	24308	184	Janeiro	32769	110
Fevereiro	20883	158	Fevereiro	30241	194
Março	18044	137	Março	25315	162
Abril	13311	101	Abril	26819	172
Maio	19031	144	Maio	27240	175
Junho	12865	97	Junho	12407	0
Julho	19825	150	Julho	15120	7

Fonte: Relatórios mensais da Diretoria ao Conselho Fiscal. [*Acervo Brahma*]

3. A metodologia empregada

Considerando os problemas que foram discutidos até aqui, passamos agora ao exame do banco de dados, visando a responder o elenco de questões que se seguem.

a) Existe alguma relação entre cor da pele do trabalhador e salário?

b) Qual a posição ocupada pelos trabalhadores imigrantes na Brahma? Recebem maiores salários? São mais numerosos? Que ofício é mais habitualmente exercido por esses trabalhadores?

c) Que ocupações e salários são mais freqüentes entre os negros?

d) Existe alguma relação entre o grau de instrução, nacionalidade e a cor da pele?

3.1 O tamanho da amostra.

Para responder ao conjunto de questões mencionado, baseamo-nos em uma amostra de 567 registros de empregados da Brahma, contratados entre 1900 e 1947, ressalvando que a maior parte dos registros de funcionários selecionados se refere ao período compreendido entre 1925 e 1935.[32] Esses registros estão contidos em um fichário alfabético de funcionários, preservado no *Acervo Brahma* – o arquivo histórico da empresa, localizado no Rio de Janeiro.[33]

De modo a definir a amostra, fez-se uma estimativa do total de fichas de operários existentes no fichário rosa da Brahma a partir da dimensão linear do conjunto. Cada centímetro de fichas agrupadas corresponde a cerca de 20 fichas. Deste modo, a letra J corresponde a 15 cm, ou algo como 300 fichas. Como, no total, o fichário se estende por 89 cm, há cerca de 1.800 fichas. Admite-se, portanto, que tenha sido este o número aproximado de pessoas empregadas pela empresa no período catalogado pelo fichário. Deste modo, a amostra recortada representa 32% dos admitidos pela Brahma. Todavia, como havia readmissões, há fichas repetidas para alguns operários. Tomando-se o caso da letra **J**, que foi integralmente pesquisada, foram encontrados 69 trabalhadores readmitidos. Por opção metodológica, os registros de reingressos posteriores ao ato de contratação foram desprezados, definindo-se as pessoas como unidade de análise, e não os registros de contratação. Em resumo, a amostra é composta por 385 indivíduos com nomes iniciados com a letra **J**, 49 nomes com a letra **O**, 53 nomes com a letra **A**, 35 nomes com letra **G** e 45 nomes com a letra **H**. Com exceção da letra **J**, que foi escolhida pelo critério de maior representatividade no total de fichas catalogadas, as demais letras foram sorteadas e, depois, em cada letra, foram sorteados os indivíduos.

3.2 Método de análise.

Cada uma das fichas contém uma foto do empregado (ver Anexo I),[34] suas datas de admissão e de nascimento, sua filiação, estado civil, o tipo de cargo, valores do ordenado mensal ou da diária, de gratificações ou porcentagens.[35] Pela homogeneidade da caligrafia, observa-se que as fichas eram preenchidas, em sua grande maioria, pelo empregador, cabendo ao empregado apenas assinar a ficha. Por vezes, o administrador fazia constar da ficha que o empregado era analfabeto, referindo-se àqueles que nem sequer conseguiam assinar o próprio nome, e indicava que estava assinando em seu nome.[36] A partir do exame da qualidade da letra das assinaturas – a firmeza da escrita, o desenho das letras – pudemos definir o grau de escolaridade do trabalhador. Esta medida, ainda que arbitrária, permitiu-nos contornar o problema do falseamento da informação quanto à escolaridade, por parte do empregado, pois há casos gritantes de analfabetismo, mesmo entre aqueles que conseguiam assinar, ou escrevinhar, o próprio nome. O problema do falseamento dos dados de escolaridade foi observado, também, por George Andrews com relação aos operários da Cia. Jafet, de São Paulo, onde 94% dos operários, brancos e negros, declararam-se alfabetizados.[37] Certamente, uma porcentagem irreal.

O critério de classificação da cor da pele também requer comentários. A partir do exame visual das fotos (que eram em P & B, naturalmente; ver Anexo I), estabelecemos a classificação dos grupos em brancos, negros e pardos, levando em conta traços fisionômicos que pudessem identificar origem africana (cabelo, formato de nariz, cor da pele).[38] Também há um componente de arbitrariedade neste método, sem dúvida, mas supomos que a distinção entre negros e pardos pudesse se refletir na distribuição dos salários, como de fato se verificou. O item nacionalidade foi composto a partir da indicação do local de nascimento dos operários. Consideramos como europeus todos os originários deste continente, mas a forte presença dos portugueses entre os trabalhadores da Brahma nos levou a distinguir este grupo dos demais imigrantes europeus.

Outra informação preciosa das fichas se refere à política salarial praticada pela companhia. Quanto à forma de pagamento, havia os trabalhadores mensalistas e os diaristas.

Para estabelecer alguma medida de comparação entre os dois tipos de contratação projetamos os rendimentos dos trabalhadores diaristas para um mês. Fez-se isso multiplicando o valor das diárias por 23,3 dias por mês, os dias úteis.[39]

Quanto às modalidades de ocupação entre os operários da Brahma, optamos por não fazer qualquer agregação, mantendo as ocupações como elas estavam anotadas. Foram encontradas 64 ocupações ou funções e, mesmo sendo difícil considerar um encaixotador, um encanador, ou um faxineiro como exercendo funções não-operárias, respeitamos os termos registrados no documento (ver Anexos II e III).

4. O perfil dos trabalhadores.

4.1 – Sexo, nacionalidade e cor da pele.

A primeira observação da análise das fichas da Brahma diz respeito ao sexo dos trabalhadores. Na amostra, não foi encontrada nenhuma ficha feminina, o que é compatível com a baixa participação das mulheres no setor de alimentos do Distrito Federal, descrito no censo de 1920. Quanto à nacionalidade, os trabalhadores se distribuíam como mostra a tabela 3. Os brasileiros representavam 49,38%, os portugueses 42,50%, e os europeus 7,23% do contingente pesquisado. Portanto, brasileiros e portugueses significavam 91,88% da nossa amostra, mas se agregarmos portugueses e europeus, temos uma taxa de participação de 49,55% no total da amostra sendo, portanto, uma taxa ligeiramente superior à participação dos brasileiros. Este dado corrobora a hipótese de que os imigrantes tiveram um papel significativo no desenvolvimento industrial do Sudeste brasileiro.

Tabela 3 - Brahma: Nacionalidade dos Trabalhadores

Nacionalidade	Total
Brasileiros	280
Europeus	41
Não Informado	3
Outros (Peru e Cabo Verde)	2
Portugueses	241
Total Global	567

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa.

Entre as fichas de operários da Brahma, encontramos 159 trabalhadores pardos e negros, o que representa cerca de 28% dos trabalhadores admitidos no período considerado. Ao mesmo tempo, os afro-brasileiros detém uma taxa de participação expressiva no contingente dos brasileiros: são 56,78% destes. Este dado corrobora a hipótese de integração da população negra no mercado de trabalho industrial.[40] O que voltaremos a comentar mais adiante é a qualidade desta integração.

4.2 – Situação familiar

O censo de 1920 chamou atenção para a predominância de homens na colônia portuguesa do Distrito Federal.[41] Buscamos saber se os dados revelavam alguma diferença quanto a estado civil entre os trabalhadores brancos e negros na Brahma, para verificar a hipótese de Florestan Fernandes com relação à estrutura familiar da população negra. A nacionalidade cruzada pelo estado civil está expressa na tabela 4, a qual revela que os

solteiros são maioria (56,8%). Mas atribuímos esta participação, sobretudo, ao peso dos brasileiros, uma vez que 74,6% entre eles eram solteiros, enquanto os imigrantes, tanto europeus como portugueses, apresentavam uma taxa de participação de praticamente metade da taxa dos brasileiros, isto é 36,6% e 33,3%, respectivamente. Para esclarecer melhor o caso dos trabalhadores brasileiros foi feito o cruzamento de duas variáveis: cor e estado civil (tabela 5). Observou-se, então, que o peso dos solteiros é explicado pela taxa de participação dos negros e pardos, pois, aproximadamente 80% deste grupo eram solteiros, ao passo que os brancos se dividiam, quase que na mesma proporção, entre chefes de família e solteiros.

Tabela 4 - Brahma: nacionalidade x estado civil dos empregados.

Nacionalidade	***Casados***		***Solteiros***		***Viúvos***		***Total***
Brasileiros	68	24,3%	209	74,6%	3	1,1%	280
Europeus	26	63,4%	15	36,6%		0,0%	41
Outros		0,0%	2	100,0%		0,0%	2
Portugueses	141	58,5%	95	39,4%	5	2,1%	241
(em branco)	2	66,7%	1	33,3%		0,0%	3
Total Global	*237*	*41,8%*	*322*	*56,8%*	*8*	*1,4%*	*567*

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa

No que diz respeito à freqüência dos casamentos formais entre os negros, os dados indicam o predomínio de homens solteiros entre os trabalhadores, ou, em outros termos, indica talvez o predomínio de uniões consensuais na população negra. Nada nos permite afirmar, porém, a partir dos dados disponíveis, que os arranjos familiares comuns entre os negros fossem prejudiciais à inserção deles no mercado de trabalho.

Tabela 5 - Brahma: cor x estado civil dos empregados. (%)

Cor	***Casados***		***Solteiros***		***Viúvos***		***Total***
Brancos	202	49,51%	198	48,53%	8	,96%	100,00%
Pardos e Negros	35	22,01%	124	77,99%		,00%	100,00%
Total Global	*237*	*41,80%*	*322*	*56,79%*	8	*,41%*	*100,00%*

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa

4.3 – Grau de instrução

As tabelas abaixo oferecem indicadores do grau de instrução do grupo de empregados da Brahma. Vê-se na tabela 6 que era bastante alta a taxa de analfabetos entre os portugueses,

64,3% do grupo, mas entre os brasileiros, surpreendentemente, 60% dos presentes na amostra eram alfabetizados, quase a situação inversa do grupo estrangeiro predominante. Ainda sobre grau de instrução, o mais significativo está na tabela 8, em que os negros apresentam a mais alta taxa de participação de letrados da amostra total. Provavelmente, a incidência de analfabetismo entre os portugueses seja a explicação.

Tabela 6 - Brahma: instrução e nacionalidade dos empregados.

Nacionalidade	***Alfabetizados***		***Analfabetos***		***Total Global***
Brasileiros	168	60,0%	112	40,0%	280
Portugueses	86	35,7%	155	64,3%	241
Europeus	36	87,8%	5	12,2%	41
Outros	2	100,0%		0,0%	2
(em branco)	3	100,0%		0,0%	3
Total Global	*295*	*52,0%*	*272*	*48,0%*	*567*

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa.

Tabela 7 - Brahma: instrução por cor da pele dos empregados brasileiros.

Cor	***Alfabetizados***		***Analfabetos***		***Total Global***
Brancos	83	66,9%	41	33,1%	124
Pardos	27	50,0%	27	50,0%	54
Negros	58	56,9%	44	43,1%	102
Total Global	*168*	*60,0%*	*112*	*40,0%*	*280*

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa.

Tabela 8 - Brahma: instrução por cor da pele dos empregados.

Cor	***Alfabetizados***	***Analfabetos***	***Total***
Brancos	50,7%	49,3%	100,0%
Pardos	51,8%	48,2%	100,0%
Negros	57,3%	42,7%	100,0%

Total	*52,0%*	*48,0%*	*100,0%*

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa.

4.4 – Quais as ocupações dos trabalhadores?

Como já foi discutido na metodologia do tratamento do fichário rosa da Brahma, há 64 ocupações diferentes na amostra. Para avaliar a distribuição das ocupações entre os grupos de operários foram organizadas duas tabelas diferentes: uma relaciona as ocupações com as nacionalidades e a outra com a cor da pele (ver Anexos II e III).

Em uma indústria de cerveja, no paradigma tecnológico da época, os setores que mais empregavam eram aqueles ligados à produção e ao transporte e distribuição da mercadoria. Já mostramos que o setor de produção era marcado pela contratação sazonal de empregados, conforme as oscilações da demanda, sensível à temperatura reinante na cidade. A produção de cerveja em escala industrial seguia a várias etapas sucessivas: 1) recepção e armazenamento da matéria-prima importada; 2) moagem e cozimento da mistura de grãos; 3) fermentação controlada; 4) filtragem; 5) engarrafamento; 6) pasteurização; 7) rotulagem; 8) aplicação do selo do imposto de consumo; 9) colocação das garrafas nas caixas; 10) expedição e distribuição nos pontos de venda.[42] Da segunda à quarta fase do processo de produção a empresa empregava trabalhadores qualificados, ou pelo menos, treinava-os e procurava mantê-los. Empregados temporários eram usados em serviços braçais, especialmente a limpeza do equipamento e dos tanques de fermentação, feita com produtos tóxicos. Esse serviço de limpeza era fundamental para manter a fábrica em plena produção, 24 horas por dia, nos meses de pico do verão. Os contratados para limpeza também eram importantes para garantir o envasamento dos produtos nas garrafas e barris, os quais precisavam retornar ao circuito de comercialização rapidamente.

As etapas 5 a 9 correspondiam às linhas de produção onde o trabalho era braçal, contínuo e esquematizado. Dentro destas etapas se encontravam os chamados "operários" que representavam a categoria mais vulnerável aos ciclos sazonais de contratação. A última etapa, a distribuição, representava o momento mais delicado para a firma, que necessitava de agilidade na entrega do produto, seja porque o chope precisava ser consumido em até 72 horas, seja porque da agilidade na distribuição da cerveja dependia a receita das vendas de verão, fundamental para o equilíbrio financeiro da cervejaria no resto do ano.[43]

Com essas linhas gerais sobre o processo de produção de cerveja à época, passemos ao exame da distribuição das ocupações entre os grupos de trabalhadores da Brahma. Em primeiro lugar, percebe-se que as ocupações que requeriam treinamento prévio e algum grau de organização dos trabalhadores para atuar em equipe eram exercidas, maioritariamente, por trabalhadores brancos. Entre essas ocupações estavam os motoristas de caminhão, 66,7% deles eram portugueses, e os encarregados da adega, que eram todos portugueses. Os cervejeiros eram todos europeus e 87% dos cocheiros eram portugueses.[44] Em segundo lugar, as ocupações braçais eram exercidas, em sua maioria, por brasileiros: todos os engarrafadores e todos os ajudantes de encaixotador, dos quais 66,67% eram negros; entre os encaixotadores, 74% dos empregados eram brancos, e 26% eram negros e pardos; nos carregadores havia uma distribuição equivalente entre brancos e negros, 50% para cada um; já os lavadores de garrafas eram todos negros. Destaca-se a categoria dos operários, numerosa (49% da amostra) e composta por brasileiros (63%), portugueses 31,5% e uma minoria de europeus 5,5%. Portanto, 37% dos operários eram brancos por definição; levando em conta os brasileiros brancos, os operários brancos eram 62% da amostra, e 38% negros e pardos. Como esta era

uma ocupação sem especificação e, provavelmente, influenciada pela sazonalidade da produção, nota-se que a taxa de participação dos negros e pardos é superior à sua participação no conjunto dos trabalhadores da Brahma (28%), o que está de acordo com nossa hipótese inicial. Terceiro, entre os aprendizes predominam os brasileiros, divididos entre brancos e negros. Quarto, havia trabalhadores portugueses exercendo funções braçais e mal remuneradas, mas a tendência deste grupo era buscar se associar para ocupar funções melhor remuneradas, ligadas à distribuição do produto, como os cocheiros e motoristas. Quinto, percebe-se que havia para os brasileiros um caminho de acesso a ocupações melhor remuneradas, caso tivessem oportunidade de receber treinamento para dominar processos tecnológicos, como era o caso dos eletricistas. Também poderiam melhorar o nível de remuneração se conseguissem furar o bloqueio dos portugueses à atuação no setor de distribuição.

4.5 – Os salários na Brahma.

Para examinar a questão salarial na Brahma é preciso se ter em mente que os salários médios dos trabalhadores na cidade do Rio de Janeiro eram maiores do que em São Paulo e mais altos do que a média no Brasil.[45] Entre mensalistas e diaristas, o exame da amostra mostrou que 86,39% dos trabalhadores eram contratados como diaristas, como mostra a tabela 11. Seguramente era esta a modalidade, por excelência, de contratação na companhia. Mas, de forma muito interessante, observa-se que as ocupações onde havia mensalistas eram aquelas ligadas à distribuição: motoristas, cocheiros, ajudantes de caminhão e condutores de carrocinha.

Tabela 11 – Brahma: ocupações dos mensalistas.

	Diaristas	**Mensalistas**	**Total**
Ajud. caminhão	31	50	81
Cocheiro	1	15	16
Cond. carrocinha		1	1
Motorista	2	11	13
Subtotal	34	77	111
Total Global	489	77	566

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa.

Obs.: há uma diferença no total global de trabalhadores

porque não foi possível identificar a forma de pagamento de quatro trabalhadores.

Quanto à nacionalidade, os dados de salário contidos na tabela 12 mostram uma discriminação evidente entre os trabalhadores. Em qualquer forma de cálculo, seja salário médio ou mediano,[46] os rendimentos dos brasileiros eram menores do que os dos portugueses e demais europeus. Nota-se, inclusive, uma hierarquia entre os imigrantes, os portugueses ocupam um nível salarial inferior às demais nacionalidades européias. Mas, ao se destacar o

menor salário e o máximo, observa-se que, tanto o mínimo quanto o máximo, pertencem aos portugueses. Provavelmente, isso se explica pelas funções para as quais o imigrante português era contratado. De toda forma fica a evidência de que os demais europeus, mesmo não recebendo o maior salário, recebiam rendimentos superiores aos dos outros trabalhadores, portugueses e brasileiros. Até o piso dos europeus era significativamente maior do que o dos demais empregados.

Tabela 12 - Brahma: salário por nacionalidade dos empregados (mil réis por mês)

	Brasileiros	**Portugueses**	**Europeus**
Salário Médio	184,618	240,379	281,766
Salário Mediano	163,100	233,000	290,625
Salário Mínimo	116,500	110,000	139,800
Salário Máximo	470,000	490,000	470,000
Amostra	*280*	*244*	*40*

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa.

Quanto à cor da pele do trabalhador, supomos que os trabalhadores negros sofriam mais discriminação do que os pardos e que, estes últimos, mais do que os brancos. Analisamos os dados para testar esta hipótese. A tabela 13 mostra o salário relacionado à cor da pele do trabalhador. Nesta tabela fica comprovado que os brancos apresentavam maiores níveis salariais, exceto para o caso do menor salário, porque há um português que foi contratado com a pior remuneração da fábrica. É interessante observar na tabela 13 o caso dos trabalhadores negros e pardos. Os negros recebiam o maior salário médio e o seu mediano era igual ao dos pardos, mas perdiam para os pardos quanto ao menor salário e, novamente estavam, ambos, igualados no máximo. O que pode se concluir destas informações? Socialmente, a diferenciação salarial entre os afro-descendentes não era tão forte. Negros e pardos sofriam, aparentemente, as mesmas dificuldades no mercado de trabalho. No manuseio das fichas ficou explicito que havia muito poucos homens de cor entre aqueles que recebiam os maiores salários, mas a presença dos 3,57 % da população negra entre os que recebiam mais de 311 mil réis/mês se explica pela existência de alguns homens negros que exerciam ocupações ligadas à distribuição da bebida. Logo, a participação dos trabalhadores negros em níveis de renda mais elevados dependia da oportunidade de pertencer a um grupo mais organizado, como eram os cocheiros e, depois, com a aquisição da frota de caminhões, os motoristas e seus ajudantes.

Tabela 13 - Brahma: salário por cor da pele dos empregados (mil réis por mês).

	Brancos	***Pardos***	***Negros***	***Pardos e Negros***
Salário Médio	229,426	174,655	182,586	179,792
Salário Mediano	209,700	163,100	163,100	163,100

Salário Mínimo	110,000	139,800	116,500	116,500
Salário Máximo	490,000	470,000	470,000	470,000
Amostra	*407*	*56*	*103*	*159*

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa

Examinando-se o nível da ocupação da companhia encontramos 15 ocupações que empregavam 85% dos trabalhadores (tabela 14). Metade dessas funções estavam classificadas genericamente como operários, com um salário médio mensal de 170,635 mil-réis, e a mediana em torno 163,100 mil-réis. Seguramente, os operários eram trabalhadores sem qualificação, nem treinamento, uma vez que, com tantas funções encontradas na fábrica (64), um conjunto tão expressivo de trabalhadores como o dos operários indica uma não especialização. No grupo dos operários, 63% eram brasileiros e, neste percentual, o subconjunto dos negros e pardos representava 60,22%. Esses dados significam a grande concentração de negros entre os operários, muito embora, quando se procede ao recorte da amostra por cor da pele, simplesmente, a taxa de participação dos afro-descendentes é de 38% para o total da amostra, devido ao peso da taxa de participação dos portugueses neste conjunto.

Tabela 14 – Brahma: estatísticas salariais das principais ocupações (85% dos empregos) (mil-réis/mês)

Ocupação	**Média**	**Mediana**	**Mínimo**	**Máximo**	**Amostra**
Motorista	453,846	470,000	330,000	490,000	13
Mecânico	334,938	361,150	198,050	419,400	12
Cocheiro	334,569	350,000	163,100	380,000	16
Ferreiro	326,200	349,500	174,750	431,050	4
Carpinteiro	324,906	337,850	174,750	419,400	9
Eletricista	299,988	320,375	186,400	372,800	4
Ajud. Caminhão	275,622	280,000	110,000	390,000	81
Encarregado	241,621	251,640	174,750	293,580	10
Tanoeiro	237,12	233,0	19	3	1

	2	00	8,050	72,800	3
Conferente	228,00 7	221,3 50	18 6,400	3 02,900	7
Maquinista	205,04 0	186,4 00	16 3,100	3 14,550	5
Apontador	185,00 2	163,1 00	13 5,140	2 79,600	5
Caixoteiro	182,18 4	174,7 50	16 3,100	2 33,000	2 1
Operário	170,63 5	163,1 00	11 6,500	3 02,900	2 78
Espiador	162,16 8	163,1 00	13 5,140	1 86,400	5

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa

A ocupação com a melhor remuneração na tabela 14 é a de motorista, o que, para aqueles anos, representava uma especialização importante. Dos treze contratados, oito eram portugueses e apenas dois eram negros e pardos. Como só havia quatro brasileiros no total, isto significa que os negros eram a metade do conjunto de motoristas brasileiros, o que agrega um fato novo à historiografia que consagra a idéia de que os negros ocupavam sempre os lugares subalternos no trabalho industrial.[47] O fato de os motoristas e ajudantes de caminhão terem rendimentos mais elevados do que trabalhadores qualificados como maquinistas e tanoeiros reforça a idéia da chegada do "*novo*", com a penetração econômica da indústria automobilística no comando do processo de distribuição das mercadorias.

Em 1918 os cocheiros se queixaram que a Brahma pagava de 170$ a 190$ à sua categoria.[48] Se cotejarmos esta informação com a tabela 12, que arrola, sobretudo, dados para o período 1925/35, encontramos o salário dos cocheiros em 163$100, mas com os valores médio e mediano de 334$569 e 350$000, respectivamente. Isso demonstra o poder de organização alcançado por estes trabalhadores na década de 1920, perdido com a mudança tecnológica implementada na empresa a partir de 1932.

Conclusões

O caso da Cervejaria Brahma ilumina a estrutura do mercado de trabalho industrial na cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Revela que, assim como em São Paulo, no Rio de Janeiro não se verifica a hipótese de Florestan Fernandes sobre a superioridade dos imigrantes com relação aos trabalhadores nacionais em termos de qualificação e de capacidade de se adaptar à disciplina do trabalho nas fábricas. Como outros estudos já mostraram,[49] os imigrantes competiram com os brasileiros em condições similares de treinamento e escolaridade. No caso da Brahma, a investigação empírica demonstrou que os negros apresentavam níveis mais elevados de alfabetização, comparativamente aos trabalhadores estrangeiros.[50]

Se os imigrantes brancos fixados no Rio de Janeiro se assemelhavam aos trabalhadores negros na precária formação escolar e, tampouco, sofreram treinamento prévio em atividades fabris, uma vez que a imensa maioria deles provinha de regiões rurais, por que razão ocupavam as atividades melhor remuneradas e mais estáveis entre os operários da Brahma? A resposta pode estar contida nos laços de solidariedade que parecem ter unido os imigrantes portugueses, presentes na amostra de trabalhadores analisada. Esse traço característico deste grupo de trabalhadores evidencia-se na presença majoritária de portugueses na atividade de

distribuição de cerveja pela cidade do Rio – os cocheiros e os motoristas – o grupo detentor da maior média salarial entre os empregados da Brahma, afora o pessoal administrativo. Uma atividade vital para a realização dos lucros da empresa, especialmente nos períodos de pique de consumo durante o verão. Sabedores de sua força, os cocheiros lideraram greves que paralisaram a Brahma em pelo menos duas ocasiões: em maio de 1918[51] – contrários à jornada de 12 horas – e na véspera do Natal de 1928, desta vez reivindicando aumento salarial, concedido, aliás.[52]

No Rio de Janeiro, o racismo velado não foi suficiente para excluir os negros do mercado de trabalho urbano industrial, mas por certo, como se vê no caso da Brahma, relegou-os às ocupações menos prestigiadas, mais braçais e aos piores salários.

O caso examinado abre espaço para a discussão da possibilidade de se terem formado vínculos solidários no interior dos grupos de trabalhadores, úteis na competição por melhores empregos. Essa estratégia se mostrou eficiente para elevar a renda do grupo dos portugueses até, ao menos, a direção da empresa decidir alterar radicalmente o sistema de distribuição das mercadorias pela cidade do Rio. Após a greve de dezembro de 1928, a direção da Brahma pôs em curso um plano de gradual substituição das carroças por caminhões na entrega dos produtos. Assim, ao ano de 1932, todo o sistema de distribuição havia sido convertido para o de transporte por caminhões, os quais a Brahma mostrava ao público, orgulhosamente, como exemplo de seu dinamismo e modernidade. Aos antigos cocheiros, em sua maioria, foi oferecida a possibilidade de reaproveitamento como motoristas da frota. Mas houve negros entre os novos motoristas: aqueles poucos que souberam aproveitar o momento de desarticulação dos imigrantes.

Talvez devamos ler com ressalvas o testemunho do Adido Comercial de Portugal, de 1923, sobre a realidade das condições de trabalho dos brasileiros e dos portugueses no Rio. Estes grupos estiveram sujeitos a salários aviltados e a condições de trabalho exaustivas, mas podem ter surgido oportunidades de diferenciação entre eles. Iguais para a pancada, por certo, diferentes para o pão, por vezes.

Bibliografia

Fontes primárias, orais e periódicos:

Entrevista com Luis Quinteiro Zoega e Alberto Thielen, Curitiba, agosto/1999. (Funcionários aposentados da Brahma.)

Acervo Brahma: fichário rosa. (Arquivo de fichas de admissão de empregados.); Monats Berichten (relatórios mensais de produção), 1909 a 1913, [cx.1, docs. alemão.]; banco de imagens.

Gazeta de Notícias, O Globo, A Noite: vários números.

Livros, artigos e publicações oficiais:

ADAMO, Sam C. *The Broken Promise: race, health and justice in Rio de Janeiro, 1890 – 1940*. Ph.D diss., University of New Mexico, 1983.

ANDREWS, George Reid. *Blacks & Whites in São Paulo, Brasil, 1888 –1988*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1991.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. *Relatório apresentado ao Dr. Ildefonso Simões Lopes*. Rio de Janeiro: Tip. Estatística, 1921.

_____, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. *Recenseamento geral do Brasil de 1920*. Indústria, Rio de Janeiro. Tip. Estatística, 1920.

_____,IBGE, *O Brasil: suas riquezas naturais, suas indústrias*, edição fac-similar do Centro Industrial do Brasil de 1909, vol. III, 1986.

_____, Diário Oficial da União, 1938.

CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1977.

FIORENCIO, Antônio. A perda de competitividade da Indústria Carioca no início do século XX. *Anais do XV Encontro Nacional de Economia da Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia* (ANPEC), Salvador, 1987.

GOMES, Angela de Castro & FERREIRA, Marieta de Moraes. Industrialização e Classe Trabalhadora no Rio de Janeiro. *BIB*, vol. 24, 1987.

GUARITA, Marco Antônio. *A Indústria de Transformação do Rio de Janeiro no início do século XX.* Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro,1986.

KLEIN, Herbert, S. The Social and Economic Integration of Portuguese Immigrants in Brazil in the Late Nineteenth and Twentieth Centuries. *Journal of Latin-American Studies*, vol.23.2, May/1991.

LOBO, Eulália, M.L. *História do Rio de Janeiro: do capital comercial ao capital industrial e financeiro.* Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.

_____, (coord). *Rio de Janeiro operário*. Rio de Janeiro: ACCES Editora, 1992.

_____, A Imigração Portuguesa e a Mão-de-Obra do Rio de Janeiro na Primeira República. *Anais 1º Congresso Brasileiro de História Econômica*, Rio de Janeiro, 1991.

_____, *Portugueses en Brasil en el siglo XX*. Madrid: Mapfre, 1994.

MARQUES, Teresa Cristina Novaes. *O setor bancário privado carioca entre 1918 e 1945. Os Bancos Boavista e Português do Brasil – um estudo de estratégias empresariais*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro/IFCS, 1998.

_____. *A Companhia e Cervejaria Brahma: origem, expansão e conquista do mercado de cervejas no Rio de Janeiro, 1888-1942*. Brasília: Unb, dez./2000. [projeto de tese de doutorado em História; mimeo]

PEREIRA, Miriam Halpern. *A política portuguesa de emigração (1850 a 1930)*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

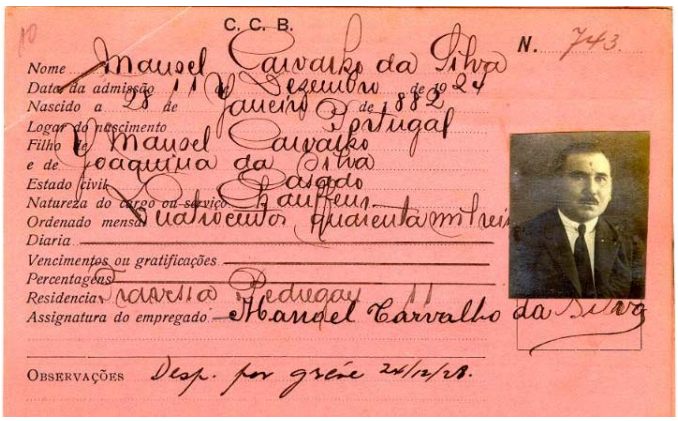
SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira – Origem e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasileinse, 1986.

VERSIANI, Flávio Rabelo. *Imigrantes, Trabalho Qualificado e Industrialização: Rio e São Paulo no Início do Século*. Brasília: UNB/Departamento de Economia. [Texto para discussão, nº 10, out/1991.]

_____. Escravos, homens livres e imigrantes: notas sobre a oferta de trabalho para a indústria no período até 1920. In, SILVA, S. & SZMRECSÁNY, T. (orgs). *História Econômica da Primeira República.* São Paulo: ABPHE/Hucitec/FAPESP, 1996.

VILLELA, Anibal & SUZIGAN, Wilson. *Política de Governo e Crescimento da Economia Brasileira: 1889-1945*. Rio de Janeiro: IPEA, 1975.

ANEXO I


C. C. B.

N. 743

Nome Manoel Carvalho da Silva
Data da admissão 11 de Dezembro de 1924
Nascido a 28 de Janeiro de 1882
Logar do nascimento Portugal
Filho de Manoel Carvalho
e de Joaquina da Silva
Estado civil Casado
Natureza do cargo ou serviço Chauffeur
Ordenado mensal Quatrocentos quarenta mil reis
Diaria
Vencimentos ou gratificações
Percentagens
Residencia Travessa Pedregal 11
Assignatura do empregado Manoel Carvalho da Silva

OBSERVAÇÕES Desp. por grève 24/12/28.

[Fichário rosa]

Manoel Francisco Gomes, nascido em Angra dos Reis (RJ), no ano de 1901. Foi admitido na Brahma em 26 de agosto de 1927 para trabalhar no encaixotamento. Era casado e sabia assinar seu nome com dificuldade. Recebia 7 mil e 500 réis por dia de trabalho. Deixou a Brahma, 'por sua espontânea vontade' a 5 de setembro de 1928, e não mais foi admitido.

[Fichário rosa]

Manoel Joaquim Salles, nasceu em Portugal, no Trás dos Montes, em março de 1909. Foi admitido na Cia. Brahma em 8 de junho de 1927, para trabalhar no encaixotamento. Era solteiro e assinava seu nome com grande dificuldade. Recebia a diária de 7 mil e 500 réis. Deixou a Brahma, 'por sua espontânea vontade', a 30 de maio de 1928. Foi incluído na lista dos operários proscritos, elaborada em dezembro daquele mesmo ano.

Anexo II - Brahma: ocupação e nacionalidade dos trabalhadores.

	Nacionalidade				
OCUPACAO	Brasileiro	Europeu	Português	Outros	Total Global
Abridor de caixas	1				1
Adegas			2		2
Ajud.caldeira cobre		1			1
Ajud. De caminhao	16	1	64		81
Ajud. De eletricista	1				1
Ajud. De ferreiro	1				1
Ajud. De limadores	2				2
Ajud. De mecânico	2				2
Ajud. De pedreiro	1				1
Ajud. De tanoeiro	1				1
Apontador	2	1	1	1	5
Aprendriz eletricista	1				1
Aprendriz de limador	1				1
Aux. Escritório	1				1
Bombeiro	2		1		3
Caixoteiro	12		9		21
Caldereiro			1		1
Carimbador	1				1
Carpinteiro	2	1	6		9
Carregador	1		1		2
Cervejeiro		1			1
Chefe caldeiras	1				1
Cocheiro	3		13		16
Condutor carrocinha			1		1
Conferente	4		3		7
Eletricista	2	1	1		4
Empilhador			1		1
Encaixotador	2				2
Encanador		1			1
Encarregado	4	1	5		10
Engarrafador	2		1		3
Escrevente		1			1
Escriturário	2	1			3
Espiador	3		2		5
Faxineiro			2		2
Ferreiro	2	1	1		4
Foguista	1				1
Funileiro	1	1	1		3
Laboratório			1		1
Lavador de garrafas	2				2
Lavador toneis			1		1
Limador		4			4
Limpeza	1				1
Maquinista	2	1	1	1	5
Marcador	1				1
Mecânico	3	8	1		12
Mestre pedreiro		1			1
Modelador	1				1
Moinho	1				1
Motorista	4	1	8		13
Operário	176	12	88		279
Pedreiro	1		1		2
Pintor	3		2		5
Porteiro			3		3
Pregador	2		1		3
Selador	2		1		3
Serralheiro	2		1		3
Servente	1		2		3
Servente de pedreiro	1				1
Tanoeiro		1	12		13
Tirador de gelo			1		1
Torneiro	1				1
Vigia		1	1		2
Xaropeiro	1				1
Total Global	280	41	241	2	567

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa.

Anexo III - Brahma: ocupação x cor dos empregados.

	Cor		
OCUPACAO	Brancos	Pardos e Negros	Total Global
Abridor de caixas	1		1
Adegas	2		2
Ajud.caldeira cobre	1		1
Ajud. De caminhao	71	10	81
Ajud. De eletricista		1	1
Ajud. De ferreiro	1		1
Ajud. De limadores		2	2
Ajud. De mecânico		2	2
Ajud. De pedreiro		1	1
Ajud. De tanoeiro		1	1
Apontador	5		5
Aprendiz eletricista	1		1
Aprendiz de limador		1	1
Aux. Escritório	1		1
Bombeiro	1	2	3
Caixoteiro	15	6	21
Caldereiro	1		1
Carimbador		1	1
Carpinteiro	8	1	9
Carregador	1	1	2
Cervejeiro	1		1
Chefe caldeiras	1		1
Cocheiro	15	1	16
Condutor carrocinha	1		1
Conferente	6	1	7
Eletricista	4		4
Empilhador	1		1
Encaixotador	1	1	2
Encanador	1		1
Encarregado	10		10
Engarrafador	3		3
Escrevente	1		1
Escriturário	2	1	3
Espiador	5		5
Faxineiro	2		2
Ferreiro	2	2	4
Foguista		1	1
Funileiro	3		3
Laboratório	1		1
Lavador de garrafas		2	2
Lavador toneis	1		1
Limador	4		4
Limpeza		1	1
Maquinista	3	2	5
Marcador	1		1
Mecânico	11	1	12
Mestre pedreiro	1		1
Modelador		1	1
Moinho		1	1
Motorista	11	2	13
Operário	173	106	279
Pedreiro	2		2
Pintor	4	1	5
Porteiro	3		3
Pregador	2	1	3
Selador	3		3
Serralheiro	1	2	3
Servente	2	1	3
Servente de pedreiro	1		1
Tanoeiro	13		13
Tirador de gelo	1		1
Torneiro		1	1
Vigia	2		2
Xaropeiro		1	1
Total Global	408	159	567

Fonte: *Acervo Brahma*, fichário rosa.

NOTAS:

[1]Em seu relatório, no ano de 1923, o Adido Comercial de Portugal comentou as condições de trabalho dos imigrantes portugueses no Rio: (...) *nem seria vantajoso que exigíssemos mais, visto que a nossa comunhão e a nossa tradicional tolerância para com o Brasil nem ao menos nos animam a reclamar aquelas que já nos estão garantidas. De resto, o português, no Brasil, equipara-se voluntariamente ao nacional - para o pão e para a pancada.* [Citado por Míriam H. Pereira (1981), *A política portuguesa de emigração*, pág. 256.]

[*] Professora Doutora da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

[**] Doutoranda de História Social da Universidade de Brasília (UNB).

[2] Eis alguns dos autores que escreveram sobre as lutas operárias cariocas: John W. Dulles (1973), Maria Cecília Velasco e Cruz (1981), Marli Albuquerque (1983), Carlos Augusto Addor (1985), Eduardo Navarro Stotz (1986), Maria da Conceição Pinto Góes (1988), Leila Hallack Dacorso (1987), Pedro Tortima (1988).

Sobre a questão cultural e o cotidiano operário também são numerosos os trabalhos, como o de Sidney Chalhoub (1986), Marta Esteves (1989), Ângela de Castro Gomes & Marieta de Moraes Ferreira (1987), Elina G. da F. Pessanha (1986), Regina Morel (1995), Regina Nascimento (1993), Mônica Velloso (1987) e Roberto Moura (1983), entre outros.

[3]Lobo detém uma vasta produção sobre questões relacionadas ao Rio de Janeiro, em que se destacam: o artigo *Estudo das categorias sócio profissionais dos salários e do custo de vida no Rio de Janeiro*, publicado em outubro de 1973, na Revista Brasileira de Economia; seguindo-se o livro *História do Rio de Janeiro*, editado em 1978; e o livro *Rio de Janeiro Operário*, de 1992, em co-autoria com Antônio Oliveira, Bernardo Kocher, Eduardo Stoltz, Fátima Lisboa, Pedro Tórtima, Mariza Simões e Luiza Martins.

[4]Sobre a questão dos negros no mercado de trabalho carioca existe ainda a tese doutoral de Sam Adamo, defendida na Universidade do Novo México, em 1983.

[5] Carlos Hasenbalg (1979), *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil,* capítulos V ao VIII; e ainda, do mesmo autor, o artigo Desigualdades Raciais no Brasil, *DADOS*, nº 14, 1977.

[6] Florestan Fernandes (1978), *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, 3ª edição.

[7] Hasenbalg: *(...) sugere a análise de Florestan Fernandes do modo como os imigrantes monopolizaram em São Paulo as oportunidades de avanço econômico e mobilidade social, e do conseqüente deslocamento de negros e mulatos para ocupações periféricas da economia capitalista em expansão, pode ser generalizada para o resto do Sudeste."* [*Op. Cit*., 1979, pág. 158.]

[8]As proposições de Florestan Fernandes e de seus críticos são resenhadas por George Andrews em seu livro *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil*, de 1991. Dentre as críticas que o trabalho de Fernandes recebeu esteve a afirmação de Michael Hall de que os imigrantes não dispunham de qualquer treinamento prévio que os melhor qualificasse para o trabalho nas indústrias de São Paulo. Segundo Hall, os artesãos italianos que emigraram preferiram os destinos da Alemanha, ou da Bélgica, e sua presença em São Paulo foi irrelevante para o conjunto da população imigrante ingressada no Estado. Andrews (1991) afirma, ainda, que a exclusão dos negros do mercado de trabalho formal em São Paulo se deveu à maciça imigração subsidiada pelo governo paulista na passagem do século XIX para o XX. Para este autor, a presença de abundante mão-de-obra imigrante reduziu o poder de barganha dos negros no mercado de trabalho paulista.

[9] Como no trabalho de Flávio Versiani (1991).

[10] O fato da perda da liderança do Distrito Federal na produção industrial é constatado nos dados estatísticos disponíveis para o período. Villela & Suzigan, por exemplo, tomaram o valor da produção industrial do DF em 1907 e o compararam com o mesmo valor em 1919 - relativo ao censo concluído em 1920. O resultado foi o decréscimo de 7,9% da participação do DF no valor da produção nacional, e menos 3,1% na oferta de empregos industriais. Ao mesmo tempo, São Paulo expandiu sua participação no valor da produção em 17,2%, enquanto a oferta de empregos neste Estado passou de 16% para 33,1% do total. A partir dessa constatação, a historiografia produziu numerosas correntes de interpretação para o problema. [Villela & Suzigan, *Política do Governo e crescimento da economia*, pág. 153, tab. V.8.]

[11] Claro que isso está intimamente ligado ao custo de vida, sobretudo partindo da hipótese de que os salários eram de a nível de sobrevivência, na hipótese ricardiana ou marxista.

[12] Numerosos estudos convergem para essa visão do problema, a exemplo dos trabalhos de Wilson Cano (1975), Eulália Lobo (1978; 1992), Bárbara Levy (1993), Antônio Guarita (1986) e Antônio Fiorêncio (1987).

[13] Ainda sobre a questão da imigração européia para o Brasil, ver também: Herbert S. Klein (1991); Miriam Halpern Pereira (1981); Luiz Felipe Alencastro (1988); Flávio Rabelo Versiani (1991); Eulália Lobo (1992; 1994), e Teresa Novaes Marques (1998).

[14] Sobre a contribuição do imigrante para o crescimento do contigente de trabalhadores na indústria do DF comentou Lobo (1978): *somente um pequeno número* [de imigrantes] *era proprietário de indústria, loja, terra ou imóvel para renda. As condições eram, portanto, desfavoráveis ao operário na luta pela melhoria de padrão de vida porque havia demasiada oferta de mão-de-obra.* [*História do Rio de Janeiro*, vol. II, pág. 529.]

[15] Recenseamento Geral do Brasil, 1920, vol. II, 1ª parte, págs. L e LVII.

[16] Miriam Halpern Pereira (1981), *A política de emigração*.

[17] O ano de 1903 registrou saldo negativo de imigrantes, saídos de São Paulo com destino à Argentina, Itália e Estados Unidos. Essa situação se repetiu nos anos seguintes. [Villela & Suzigan (1975), *Política do Governo*, pág. 254.]

[18] Segundo dados de Villela & Suzigan (1975) as subvenções públicas foram responsáveis pelo ingresso de 63,4% dos imigrantes entre 1888 e 1890; 79,9% dos imigrantes entre 1891 e 1900; caindo para 36% dos ingressos no período entre 1911 e 1915. Mesmo reduzida no pós-guerra, a política pública de subvenção à imigração persistiu até o ano de 1927. [*Política do Governo e crescimento da economia brasileira*; tab. B.10, pág. 249.]

[19] Miriam Halpern Pereira (1981), *A política portuguesa de emigração*.

[20] Cônsul dos EUA em São Paulo, relatório de 1922. Citado por G. Andrews (1991), pág. 85. [*Apud*, Michael Hall & Paulo Sérgio Pinheiro (eds.), *A classe operária no Brasil, 1880-1930. Documentos.* 2 vols. São Paulo, 1979, 1981.]

[21] W. Suzigan, *Indústria Brasileira*: origem e desenvolvimento. São Paulo:Brasiliense,1986.[pág. 219, nota 312.]

[22] *Alguns detalhes para os apontamentos desde 1894*. (1ª versão) [*Acervo Brahma*, cx. 95, port.]

[23] Entrevista com Hans Künning, em 23/3 e 27/7/2000.

[24] *Acervo Brahma*, cx. 06, alemão.

[25]Relatório do Cônsul Ch. F. Ancell, de 1894. [Ancell, *Report on the Trade, Commerce & Navigation of Rio de Janeiro,* 1894; Account & Papers, Foreign Office]

[26] Balanço anual da Cervejaria Brahma, 31/12/1896. [*Deutsche Bank, Historisches Institut*, KI/146.]

[27] *Acervo Brahma*: cx. 82, port.; Livro de Atas de Assembléias de Acionistas, 16/11/1905.

[28] A condição do banco como agente financeiro intermediário na transação de compra da Teutônia é revelada na escritura do negócio, datada de 3/10/1904; já a condição de agente autorizado a negociar debêntures é revelada na assembléia de acionistas, de 16/11/1905. Todos são documentos preservados no *Acervo Brahma*.

A participação no quadro acionário e na direção da empresa é demonstrada na ata da AGE, de 25/10/1906. [Coleção de Leis do Brasil. *Atos do Poder Executivo*, dec. 6 362, 7/2/1907.] Também é evidenciada na ata da AGE, de 27/9/1912, publicada no *Diário Oficial*, de 27/10/1912. [*AB*, cx.93]

[29] Centro Industrial do Brasil. *O Brasil: suas riquezas naturais, suas indústrias (...) (1907)*. Vol III.

[30] Levando-se em conta o reajuste do capital da empresa para 10 mil contos, ocorrido em setembro de 1912. Este valor representa 69,34% do capital apurado em bebidas no Distrito Federal, que somava 14 421 contos de réis. [*Recenseamento das indústrias sujeitas ao imposto de consumo*, 1912; pág. 188.]

[31] O emprego de operários se elevava a partir do mês de outubro, atingia o ponto máximo nos meses do verão – em resposta à demanda gerada pelo Carnaval – e decaía lentamente ao longo dos meses de inverno. [*Monats Berichten*, relatórios mensais de produção, 1910, 1911 e 1913; *Acervo Brahma*, cx. 1 e 3, docs. alemão]

[32] Respeitamos os limites temporais existente na amostra. Ainda que ela se estenda até 1947, percebe-se, desde o ano de 1935, o gradual abandono do registro de dados de empregados em fichas em favor de alguma outra sistemática de controle de pessoal.

[33]Infelizmente, desde 1º de agosto de 1999 este acervo está lacrado, fora do alcance de pesquisadores e destituído de pessoal técnico para sua conservação.

[34] Desprezamos os registros sem fotos.

[35] O registro de salário se refere à remuneração inicial, pois são raros os registros de aumentos, embora saibamos que ocorreram.

[36] Então o campo ficava assim preenchido: *p. José da Silva*.

[37]Andrews (1991) elaborou um estudo semelhante, também baseado em amostras de dados cadastrais de operários de empresas paulistas, no mesmo período histórico. A metodologia que adotou em seu estudo está descrita no Apêndice C do seu livro *Black and Whites in São Paulo,* páginas 259 a 262.

[38] Claro que o registro da nacionalidade serviu de guia para a definição da cor, uma vez que apenas dois indivíduos não brasileiros, em toda a amostra, eram negros: um operário de Cabo Verde e outro português, os quais, quando não indicados nas tabelas, foram desprezados na análise. Da mesma forma, não se considerou o registro de um único operário peruano.

[39] O número de 23,3 dias úteis por mês foi obtido a partir da discussão dos empresários industriais sobre a proposta de lei de férias, expressa no relatório do Centro Industrial Brasileiro (1926-1928). No documento os empregadores alegaram que, dos 365 dias de um ano, 85 eram tomados por domingos, feriados, dias santos e Carnaval. Restavam, portanto, 280 dias úteis no ano. [Citado por Eulália Lobo (1975): *História do Rio de Janeiro*, pág. 543.]

[40] Os dados de operários da Brahma reforçam a idéia de que o caso de São Paulo não pode ser generalizado para o Rio.

[41] *"É notável a influência do elemento masculino entre os estrangeiros. Em 1906 representavam cerca de 72% contra cerca de 65% 1920.Na colônia portuguesa, a mais numerosa, a diferença a favor dos homens é de 68% em 1920, contra o coeficiente mais elevado ainda de 76%, em 1906".* [Recenseamento Geral do Brasil, 1920, vol. II, 1ª parte, pág. L.]

Esse dado nos faz pensar que os imigrantes não disputavam apenas empregos com os brasileiros, mas também mulheres.

[42] Entrevista com Luiz Quintera Zoega e Alberto Thielen, em 29/8/1999. Zoega e Thielen são funcionários aposentados da Brahma e exerceram, respectivamente, as funções de mestre cervejeiro na filial de Curitiba, e chefe de laboratório da matriz no Rio.

[43] Por simplicidade, vamos tomar apenas a produção e distribuição da Brahma no âmbito do Distrito Federal, mesmo sabendo que desde 1916 empresa mantinha uma filial em São Paulo – a antiga fábrica Germânia, rebatizada de Guanabara – e que sempre buscou vender seus produtos no interior, por via férrea, e no litoral, do Rio Grande do Sul aos estados do Norte, por cabotagem.

[44] O cervejeiro não é parâmetro porque normalmente era apenas um, altamente qualificado em escolas técnicas superiores européias.

[45]Conforme concluiu Wilson Cano (1977) para os trabalhadores da indústria têxtil, de alimentos e vestuário, baseando-se nos dados do Censo de 1920. Eulália Lobo (1978) chegou a conclusão semelhante ao recompor o perfil de renda do operário da cidade e sua distribuição entre os setores industriais, baseando-se em dados dos censos de 1907 e 1920, além de cadastros de operários de indústrias do DF. Lobo concluiu que os níveis salariais do Distrito Federal apresentaram tendência a se elevar no pós-guerra, em taxas superiores ao custo da alimentação, mantendo-se assim até a grande crise do início da década de 1930. [Lobo, *Hist.Rio de Janeiro*, pág. 548, vol. II.]

[46] A mediana é mais representativa para analisar uma população do que a média, porque o ponto da mediana é definido como aquele valor para o qual pelo menos 50% da população é igual, ou está acima dele e, ao mesmo tempo, pelo menos 50% é igual ou está abaixo dele.

[47] Os ajudantes de caminhão eram a segunda ocupação em termos de nível de ocupação, novamente era uma ocupação dos portugueses (79%), os brasileiros representavam 19,75%, considerando só este grupo temos que os ajudantes de caminhão eram 62,5% negros e pardos, novamente aparece a supremacia dos negros no conjunto dos trabalhadores brasileiros.

[48]Informações prestadas pela Sociedade de Resistência dos Cocheiros, Rio de Janeiro. [*Gazeta de Notícias*, 17/5/1918.]

[49] Ver os comentários de George R. Andrews (1991) *Blacks and Whites in São Paulo* sobre as críticas de Michael Hall a essa hipótese de Florestan Fernandes, contida na tese doutoral de Hall, *The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914*.

[50] Essa tendência foi confirmada por Sam Adamo, acerca do perfil dos trabalhadores portuários no Rio.[Adamo, S. (1983), *The Broken Promise: Race, Health and Justice in Rio de Janeiro*, capt. II, tab. 17.]

[51] *Mais greve. Os cocheiros da Brahma abandonam o trabalho. Ontem muito cedo, por volta das 5 horas, um aviso alarmante foi dado à polícia do 9º distrito.... A Brahma, ali da rua Visconte de*

Sapucaí, está pegando fogo! – Como diz? Interrompeu o comissário Brandão – É que os cocheiros declararam greve. A greve acontece porque a direção houve por bem suspender por alguns dias um dos carroceiros. Os demais abandonaram o trabalho (entrevista com o gerente). [*Gazeta de Notícias*, 17/5/1918.]

[52] Sobre as jornadas de greve entre os trabalhadores da Brahma, ver: cxs. 54 e 8, *Acervo Brahma*; *O Paíz*, 6/5/1918; *Gazeta de Notícias*, 7/5/18, 9/5/18, 12/5/18, 17/5/18, 19/5/18, 24/5/18, 25/5/18; *O Imparcial*, 23/12/1928, 25/12/28, 27/12/28; *A Noite*, 28/12/28; *O Globo*, 27 e 28/12/1928.